



## FLÁVIO DE CARVALHO E A EXPERIÊNCIA DA MULTIDÃO

**Denise Jorge Trindade**

Universidade Estácio de Sá

**Resumo:** Para refletir sobre arte e política hoje, quando os referenciais destes conceitos se encontram em constante mudança, impossibilitando definições, pontos de partida e conseqüentemente de chegada, propomos aproximarmo-nos de experiências de alguns artistas brasileiros que ao vivenciar de modo singular sua produção estética, deixaram pistas para novas maneiras de pensar a relação entre cultura e sociedade, deslocando o conceito de cultura e propondo outras sociedades. Através de provocações instigantes em suas criações, eles fazem surgir imagens que devido à sua constante mutação, desafiam o pensamento e a reflexão. Neste momento, propomos percorrer com Flávio de Carvalho sua Experiência n.2, percebendo uma produção estética brasileira que afirma sua singularidade no encontro da arte com a multidão e intervém na produção de seu imaginário.

*Difícil fotografar o silêncio.  
Entretanto tentei. Eu conto:  
Madrugada a minha aldeia estava morta.  
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.  
Eu estava saindo de uma festa. Eram quase quatro da manhã.  
Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.  
Preparei minha máquina.  
O silêncio era um carregador?  
Estava carregando o bêbado.  
Fotografei esse carregador.  
(Manoel de Barros)<sup>1</sup>*

O artigo presente irá percorrer na contra-mão da história a procissão de Corpus-Christi que Flávio de Carvalho atravessa com seu boné de veludo verde, acompanhando as reações da multidão. Se em sua experiência moderna, o artista-arquiteto-engenheiro procura “palpar psiquicamente a emoção tempestuosa da alma coletiva e provocar a revolta para ver

---

<sup>1</sup> Barros, Manoel de. 2001



alguma coisa do inconsciente”, aproximando-se das investigações psicológicas surrealistas, o relato de Flávio desperta hoje outros sentidos provocando novas reflexões.

## **A Procissão**

O que faz o artista-arquiteto-engenheiro-performático penetrar no sentimento de uma multidão organizada naquele momento por uma comunhão com o divino, introduzindo a sedução corporal, desviando os sentidos da proposta direção única para uma variedade de sensações? O que naquele organismo aparece como desafio ao corpo/pensamento de Flávio de Carvalho?

Em oposição às massas de povo e suas cabeças descobertas, expostas às emanções celestes Flávio se mune de um boné, afirmando a densidade corpórea e o estranhamento conseqüente de sua participação na procissão. Nas duas massas ali presentes, a assistência imóvel e a movimentação lenta dos integrantes do cortejo, ele acrescenta sua inquieta presença, demandando atenção inesperada.

Correspondido por alguma cumplicidade pela parte jovem da assistência, e por reprovação pela parte idosa, “novos tecidos de sensações” inesperados vão construindo-se naquela situação. Na procissão, a resignação dos negros idosos e a súplica das velhas por piedade contrasta com a curiosidade dos mais jovens, mas a indignação e humilhação diante daquele elemento estranho produzem a necessidade de aumentar a intensidade das expressões de fé, provocando olhares para o céu, mais fervor nas rezas, e apertos fortes nos terços.

Na ala das filhas de Maria, outras emoções. Moças belas e feias encantadas com o inesperado flertam com o desvio mostrando-se mais mulheres que Marias. É um instante fugaz. Com o canto, a multidão volta a organizar-se e reaparece os protestos das duas massas contra ele, de maneira agressiva, como se desejassem livrar-se do incômodo de sua presença. A revolta manifesta-se primeiramente através de uma voz exigindo que Flávio tire o chapéu. Esse grito tem eco e suscita atitudes ameaçadoras. Alguém arranca o chapéu de sua cabeça e desaparece na multidão que já não controla seu ódio. Um menino lhe devolve o chapéu desafiando-o a continuar a experiência.



Como parar naquele momento se o que estava em questão era o exercício de liberdade do artista, que para além das conquistas técnicas modernas, sentia necessidade de junto às massas criar novos sentidos, e junto a arte questionar seus limites? Segundo Camilo Osório<sup>2</sup> neste texto, Experiência 2, a escrita é feita por quadros descritivos muito marcados por uma tensão psicológica que nos faz vislumbrar um roteiro cinematográfico. Vemos isto muito claro no momento em que, pela primeira vez, as sensações tumultuadas de alguém imerso em uma experiência pedem ajuda a lógica para organizarem-se e continuarem sua fruição. Os instantes que precedem as frases parecem vistos pelos prismas uma lente cinematográfica (digital, como veremos adiante).

*“...uma cena microscópica de bonecos desconjuntados, onde braços e pernas debatiam-se sem ponto de apoio e sem ligação com coisa alguma. Pareciam castigar uma natureza vazia. Eu tinha me esquecido que estava na situação em que estava. Minha percepção saltava fora da realidade, mas nenhuma visão era segura e meu organismo, sem dúvida, descobrindo isto, de uma maneira defensiva, inconsciente, reagira, empurrando-me dentro da realidade. Sentia que sair da realidade era o melhor meio de medir a queda entre o irreal e o fato concreto...”<sup>3</sup>*

As palavras se impõem através de um apelo, aquele que sensibilizaria as massas através do raciocínio – “eu sou um contra mil, vocês são centenas”- acende o ódio pois já não existe mais o vocês. Como fazer esta multidão pensar, ter dúvidas e assim poder suspender por instantes sua explosão e fugir? As manifestações individuais não possuem mais força, como diz CANETTI<sup>4</sup>, na massa tudo se passa como no interior de um único corpo, e o desejo que ali se dá para amenizar seu próprio pânico aparece sob o signo dos gritos –“Lincha!”; “Mata”! propagando-se como o fogo, cerceando as pessoas e as envolvendo por completo.

O organismo consciente ou inconsciente de Carvalho só vê uma saída: atravessar a procissão e desafiar sua imobilidade, no que ele foi bem sucedido. Nos “planos” de sua fuga, nos sentimos em um espetacular filme de ação, até que a aventura chega ao fim, junto ao medo e a sensação de ridículo que se dá quando a adrenalina falta, ou a consciência da situação torna-se clara. As imagens expressionistas que o artista experimenta de si... “Não sentia frio nem calor, parecia não ter temperatura; os ossos sem dúvida estavam ausentes pois não me era possível acreditar que tinha ossos mas contudo não tombava; o roçar de minha

---

<sup>2</sup> Osório. [www.Flávio.deCarvalho.com.br](http://www.Flávio.deCarvalho.com.br)

<sup>3</sup> Carvalho, Flávio de. p. 42

<sup>4</sup> Canetti, -1982 p.14



pele era que nem pano...e as partes em movimento pareciam pepinos em conserva...” ,resultado do pânico que o toma pela metade são colocadas em cena pela parte passiva que contempla a situação...Coisa curiosa,no entanto,eu não conseguia acabar-me, apesar do desmanchar, estava sempre inteiro, o meu cérebro não tinha nenhum controle sobre as coisas, era espectador passivo;as partes em movimento pensavam por si.<sup>5</sup>

A ordem reaparece sob forma da polícia, por quem Flávio se deixa levar. Os cânticos recomeçam e a multidão segue a procissão, enquanto após um breve depoimento ao delegado que tenta com frustração inseri-lo em alguma infração maior, convida-o a se retirar em paz.

### **A Multidão**

Porque este texto modernista em sua classificação temporal é importante para pensarmos hoje a relação entre arte e política? Primeiramente, destacamos o lugar que Flávio escolhe (ou é escolhido?) para experimentar as sensações da multidão e configurá-las em suas sensibilidades. Diferente do artista moderno que em meio à grande metrópole, perde o halo e torna-se parte da desta, recriando para si as prodigiosas transformações de matéria e energia que a ciência e a tecnologia modernas promoveram e que se tornam visíveis na pintura cubista, na colagem e na montagem, no cinema e na atitude dadaísta, Carvalho impõe seu boné (sua aura?) demarcando um lugar especial naquele grupo, que ao mesmo tempo que lhe desperta diferentes sensações o provoca a fazê-la experimentar a consciência de ser multidão.

Para BERMAN<sup>6</sup>, apesar das imagens que surgem através da experiência do artista com a multidão só acontecerem no século XX, a proposta de Baudelaire principalmente através do *Spleen de Paris* foi esquecida pelos movimentos de vanguarda, no que esta se traduz no termo “épouser la foule” em seu sentido figurado -\_envolver-se sensualmente com ela. Se Baudelaire oscila entre a sedução burguesa dos boulevares e seu correspondente vazio, o fashion mundo francês, as luzes de uma tarde de verão misturadas com o colorido das vestes de tecido ordinário, estandartes e velas de uma procissão de Corpus Christi pelas ruas de S.Paulo configura-se a noiva a ser seduzida por Flávio de Carvalho.

---

<sup>5</sup> Carvalho, *ibidem*, p43

<sup>6</sup> Berman, Marshall. 1986.

Como conquistá-la, como dominá-la, como penetrá-la? Aqui encontramos-nos com a Experiência n. 2 no presente, desnudando esse corpo coletivo em seus poderes de afetar e ser afetado, através do medo e do desejo, em sua fissura, nas oscilações da permissão e do proibido, aqui sim , aqui não , agora sim, agora não.

Peter Pál <sup>7</sup> ao conceituar multidão tendo como referencia o italiano Virno, diz que a teoria política tradicional distingue multidão e povo, sendo o povo um corpo público animado por uma vontade única, e a multidão um simples agregado selvagem, cujo domínio cabe ao seu governante. Demandando um novo olhar sobre a multidão e reivindicando outros sentidos para a política, eles fazem com que esta multidão seja vista em sua força centrífuga, em sua pluralidade, em seu deslizar nômade. Já o povo seria segundo os autores, de natureza centrípeta, convergindo em uma vontade geral como interface do Estado.

Numa fórmula sugestiva, Virno ainda diz: a multidão deriva do Uno, o povo tende ao Uno, ou: para a multidão o Uno é uma premissa , para o povo uma promessa.<sup>8</sup>

Despertar no povo sua consciência de multidão é o desejo de Flávio de Carvalho nesta Experiência. Ao acompanhar a procissão no sentido contrário, ele desvia a realização da promessa do Uno e faz deste uma premissa<sup>9</sup>. Esse deslocamento ou inversão, desconcerta o corpo dos fiéis que não se reconhece como um organismo, atingido em sua crença na unidade como fim. Ameaçado de perder a direção única ao afirmar suas singularidades e produzir diversidades, ele se revolta e se une para expulsar aquele órgão indesejável. É este o corpo da multidão que Flavio atíça e teima despertar.

## **Modernismo**

A arte moderna brasileira que acompanha as vanguardas européias em suas rupturas com o academicismo não esquece de afirmar os valores culturais locais. Com a internacionalização da arte que desde o Impressionismo aproxima-se de produções estranhas à tradição ocidental , como a japonesa , a Oceania e África, liberando a criatividade, ocorre segundo CARLOS ZILIO<sup>10</sup> um desrecale em relação às culturas negras e indígenas.

---

<sup>7</sup> Peter Pál. Biopolítica e Biopotência no coração do império. 2002.

<sup>8</sup> Ibidem. p.258

<sup>9</sup> ibidem.

<sup>10</sup> Zílio. Artes Plásticas. 1982. p15



O movimento antropofágico dará a fórmula numa busca de síntese entre o “nacional” e o “internacional”, propondo a devoração do pai totêmico europeu, assimilando suas virtudes e tomando o seu lugar.<sup>11</sup>

Mulatas cubistas, pescadores futuristas, abacaxis surreais. Não desmerecendo a força da produção estética que surge no início do século XX e suas conquistas conseqüentes, marcamos a diferença de Carvalho nessa feira moderna. Comer o outro e digerir o próprio não o satisfaz, e sim aceitar a essência do desafio que se coloca ao artista moderno- envolver-se sensualmente com a multidão .

Carvalho está mais próximo em sua classificação temporal, do que naquele momento aparece como “o artista social” em busca da origem da tradição nacional-popular caracterizando a segunda fase do Modernismo. Essa tendência faz parte de um projeto cultural de esquerda que espalha-se por todo mundo ,com conotações e interpretações nacionais aproximando a arte da realidade e tornando-a instrumento de conscientização política e tem entre nós a figura controversa de Portinari o seu principal representante. Sua grande referência é a arte mural mexicana. Mais uma vez a Experiência 2 nos revela que a procura de Flávio não será de adequação e sim de provocação ao próprio conceito de popular, ao percorrer (ainda que a contrapelo) a procissão , na procura de uma arte social brasileira.

Mais que um grande painel, Flávio cria novas formas de expressão estética. Considerado artista performático por esta experiência e algumas outras, a Experiência2 se traduz como um roteiro cinematográfico onde esse artista revela-se como um dos maiores artistas modernos brasileiros, não somente pela ação social assim como pela busca de novas formas de linguagem.Sua captura da sensação do presente vai ao encontro do que na modernidade se constitui como desafio.

## **O instante e o cinema**

Como experimentar o instante, sentir sua presença e o vivenciar? Para CHARNEY<sup>12</sup> o instante existe na medida em que o individuo experimenta uma sensação imediata e tangível com tal intensidade que esvaece assim que é sentida pela primeira vez. O conceito de instante

---

<sup>11</sup> ibidem

<sup>12</sup> Charney, Leo. 2001.p. 386

aparece para alguns pensadores como Heidegger e Benjamin como um meio de fixar um momento de sensação e assim resgatar a possibilidade da experiência sensorial em face do caráter efêmero da modernidade, ao mesmo tempo eles constataam que em seu desvanecimento tudo desaparece. Ao se referenciar nas investigações desses autores, Charney assim define o moderno como momentâneo – *O esvaziamento da presença estável pelo movimento e a resultante separação entre a sensação, que sente o instante no instante, e a cognição que reconhece o instante somente depois de ele ter ocorrido. Juntos, esses dois aspectos do instante moderno criaram uma nova forma de experiência no cinema.*<sup>13</sup>

Na Experiência 2, a separação entre sensação e cognição é provocada pelo próprio artista. Os instantes que se configuram o surpreendem e ele é também ferido por eles.

*“...De uma pequena distância eu me via a mim mesmo, uma criatura estranha, completamente diferente do que eu costumo ser. Não tinha roupa e a cor do meu corpo era entre amarelo escuro e cor de chocolate. Com a escuridão enxergava-me difuso. Tinha os quatro dedos de uma mão mergulhados na boca, e a outra aberta enterrava os dedos na carne da perna, os meus olhos esbugalhados olhavam para cima e do lado...”*<sup>14</sup>

Que imagens aparecem através das lentes do terror? Imagens que não cabem no texto e que necessitam de figuras para tornar visível este terror. Na tentativa de descrever esses instantes resultantes de sua proximidade com a multidão e para que estes não se perdessem persistindo em nossa história como uma outra modernidade brasileira, revelada e desnudada entre receios e vontades, em instantes, Flávio utiliza o desenho para expressar melhor essas imagens.

*...Não podia me conformar em ver uma escada ali no lugar mesmo onde eu tinha me atirado ao chão. Se a tivesse visto quando da minha primeira estada no saguão meu destino teria sido outro, provavelmente teria escalado o muro, prolongando assim a experiência e sem dúvida adiando o advento de meu estado de pânico... (esse estado não se satisfaz só com a descrição de palavras e ele aparece no livro presentificado também por um desenho) A presença da escada indicava que o meu mecanismo de percepção tinha falhado justamente no momento em que ele seria de maior utilidade, tinha deixado de perceber precisamente aquele elemento de que eu mais necessitava, a escada, e no entanto, quando primeiro penetrei no saguão estava com perfeita lucidez de espírito, sem nenhum medo. É verdade que os meus movimentos me pareciam mais guiados pelo ambiente que pelo meu raciocínio, pelo menos o meu raciocínio não era perceptível; mas que seleção determinava que eu despercesse precisamente o objeto de que mais necessitava?*

---

<sup>13</sup> Charney, p.387



Esse instante, resultante da experiência da proximidade, do “casamento com a multidão”, configurou-se em uma imagem, que expressa o medo e a conseqüente falha da percepção. Uma escada que possibilitaria a ultrapassagem para o outro lado, mas que em seu desaparecer nos faz ver a duração do medo. Perder-se no outro, experimentar a vontade de estar dentro e fora, misturar interior e exterior revelam-se fragmentos de sentido, e imagens daquela vivência produzindo um tempo que se impõe a imagem.

Benjamin sugere a interdependência entre o instante e o fragmento, criando um método fragmentário associando-o à montagem fazendo alusão ao cinema. O presente momentâneo contém em si a história, resultado da reconceituação mais ampla da experiência do tempo como história e da história como tempo.

Do indivíduo arrebatado pelo êxtase heideggeriano ao flanêur das Passagens de Benjamin, as sensações do sujeito moderno fragmentado em seu contato com a multidão encontram sua correspondência no processo de montagem cinematográfico. A visão é o sentido que oferece a possibilidade do reconhecimento deste presente. Segundo Charney “a possibilidade de um instante ocorreu na forma de uma imagem porque a percepção de uma imagem representava para Benjamin a melhor opção para percepção imediata- o Agora da Reconhecibilidade”<sup>15</sup>. Porém esse presente se perde no instante seguinte, o que faz Benjamin definir a experiência moderna como a experiência do choque, combinando intensidade imediata e diminuição imediata observando que a presença do instante se dá na sensação e como sensação. Esse presente que esvanece encontra sua presença no cinema como a forma de arte definidora da experiência temporal da modernidade<sup>16</sup>.

### **A experiência digital de Carvalho**

Para além da experiência temporal que a modernidade aponta ao artista, encontrando no cinema a possibilidade de presentificar o instante, vemos na Experiência 2, a alusão à uma câmera diferente, que não correspondesse somente aos desafios modernos, mas afirmasse

---

<sup>14</sup> Carvalho, F. p.42

<sup>15</sup> ibidem p.394

<sup>16</sup> ibidem p.395

também a efemeridade daqueles instantes. Na advertência que precede o texto, Flávio diz que nas idéias ali expostas existe a tentativa de atingir uma suposta verdade

*“... é uma ampliação da vida normal, uma espécie de visão microscópica da vida anímica, fenômeno ilusório e imperceptível a olho nu.”*

Segundo MACHADO<sup>17</sup>, encontramos no vídeo a tradução e a possibilidade de novas sensibilidades, configurando efeitos de percepção que derivam de formas discursivas fragmentárias e velozes.

Ao questionar a especificidade das imagens digitais em relação à fotografia, uma das constatações irrefutáveis do autor está na pouca veracidade que estas imagens conferem a realidade, devido a possibilidade de manipulação, além de sua recepção descontínua distanciá-la da magia onírica do cinema.

Mutação e deslocamento que aparecem para MACHADO como propriedades da câmera digital, perseguem, como acompanhamos acima, as sensações de nosso artista em sua experiência. As imagens que vão se formando no decorrer dos vários estados que perpassam Flávio são imagens desmaterializadas, sem corporeidade, em estado virtual.

*“...Como acontece com nossas imagens mentais, aquelas que brotam do imaginário, as imagens eletrônicas são fantasmas de luz que habitam um mundo sem gravidade e que só podem ser invocados por alguma máquina de “leitura”, atualizadora de suas potencialidades visíveis...”<sup>18</sup>*

Arriscamos dizer que se a Experiência 2 tivesse sido vivida com uma câmera digital, ela potencializaria as imagens resultantes do casamento de Flávio com a multidão, porque seria um encontro de percepções com uma técnica para se atualizarem.

## **Conclusão**

Na arte moderna brasileira, deu-se como um choque a Experiência 2. Mais que uma obra de arte, esta é a síntese do sentimento de uma diferente modernidade, que se inscreve ao se produzir. Resgatar hoje a Experiência de Flávio de Carvalho é procurar um sentido político

---

<sup>17</sup> Machado, Arlindo. Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas. SP. Edusp. 1996

<sup>18</sup> ibidem. p.48



da arte no que ela desorganiza as massas, tornando-as multidão, não mais um organização e sim organismos. As imagens resultantes desta proximidade são organismos que também se transformam, que sem cristalizarem-se como obras, afirmam suas transformações. É também perceber que quando o artista está realmente inserido em seu tempo ele não só constata o presente, como o inventa. Inventando e produzindo o tempo o artista demanda outros suportes que influenciam na concepção da obra, assim como esta é modificada pela existência desses suportes. Ainda não existia câmara digital. Agora há.

Porque não filmar a Experiência 2. Fica a sugestão.

## **Bibliografia**

- .Berman, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha** no ar. Cia das Letras.SP.1986
- Canetti, Elias. **Massa e Poder**. Cia das Letras. SP. 1995
- Carvalho, Flávio de. **Experiência n.2. Uma possível Teoria e Uma Experiência**. Nau.RJ 2001.
- Charney, Leo e Scwartz, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Cosac e Naif. SP. 2001.
- Huyssen, Andreas. **Memórias do Modernismo**. UFRJ.1997
- Machado, Arlindo. **Máquina e Imaginário**. Edusp. SP.1996
- Pelbart, Peter Pál. **Biopolítica e biopotência no Coração do Império**. In Nietzsche e Deleuze .Que pode o corpo. Relume Dumará.RJ. 2002
- Zílio, Carlos. **Artes Plásticas**. In O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira. Brasiliense.1982.